

SAINDO DO ARMÁRIO: A ASSEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA AVEN – ASEXUAL VISIBILITY AND EDUCATION NETWORK

Elisabete Regina Baptista de Oliveira¹

Resumo: A falta de desejo sexual tem sido tradicionalmente tratada pela ciência como transtorno psicológico ou fisiológico. Isso se deve, em grande parte, ao postulado histórico de que o desejo sexual é universal. Recentemente, no entanto, uma nova ressignificação da falta de desejo sexual tem ganhado visibilidade. Em lugar do transtorno, pessoas que se identificam como assexuais têm reivindicado o *status* de orientação sexual para sua falta de interesse por sexo. Este artigo trata da emergência do conceito de assexualidade nas comunidades virtuais de assexuais nos Estados Unidos, com foco na AVEN – Asexual Visibility and Education Network – maior comunidade virtual assexual norte-americana. O artigo traz resultados preliminares da pesquisa de doutorado em andamento, que busca compreender os desafios da construção das orientações sexuais e das identidades de gênero de indivíduos que se identificam como assexuais no Brasil. A pesquisa destaca a escola como importante agente socializador das diferentes sexualidades, uma vez que – apesar de a assexualidade ser desconhecida na educação –, os indivíduos assexuais relatam experiência com a discriminação homofóbica no espaço escolar.

Palavras-chave: assexualidade; sexualidade; gênero; orientação sexual; diversidade sexual

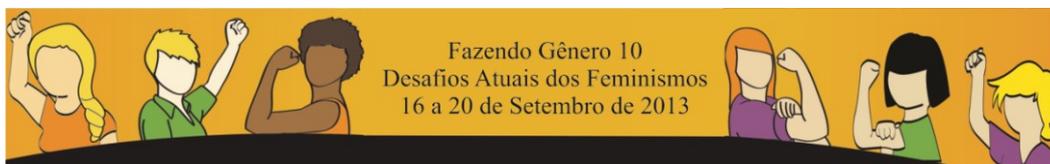
Introdução

O objetivo deste artigo é descrever e analisar a assexualidade – aqui compreendida como a sexualidade dos indivíduos que não têm interesse pela prática do sexo-, conforme apresentada pela comunidade assexual norte-americana AVEN – Asexual Visibility and Education Network², a partir do estudo do material contido no sítio virtual da organização. Nesse sentido, também será apresentada uma breve síntese dos estudos sobre assexualidade desenvolvidos no meio acadêmico da América do Norte e Europa, com destaque para a produção decorrente da visibilidade e do interesse pela assexualidade gerados pelo trabalho de divulgação da AVEN e de outras comunidades virtuais de assexuais.

Considerada historicamente um distúrbio na literatura médica e um problema no senso comum, a falta de desejo sexual – ou pelo menos parte dela –, ganha novo significado a partir do início do século XXI. Com o surgimento e crescimento de comunidades virtuais que reúnem milhares de membros no mundo todo, a falta de interesse por sexo tem sido compreendida como parte da diversidade sexual humana, recebendo o nome de *assexualidade*. Em lugar do transtorno e do distúrbio, o desinteresse pelo sexo tem sido associado à orientação do desejo sexual (BOGAERT, 2006).

¹ Doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

² Rede de Educação e Visibilidade Assexual. Sítio: www.asexuality.org



Mas, como analisar e contextualizar um conceito que, por sua própria definição, desequilibra os alicerces do postulado mais importante sobre a sexualidade humana, ou seja, o de que *todo* ser humano sente (ou deveria sentir) desejo sexual por outros? Esta pergunta, feita por Cerankowski & Milks (2010), descreve com precisão os desafios trazidos pela assexualidade aos estudos de sexualidade neste início de século. Somente um exercício de desconstrução dos pressupostos sobre sexualidade - e sua posterior reconstrução sobre novas bases -, poderia situar a assexualidade no interior do debate teórico sobre as diversas sexualidades.

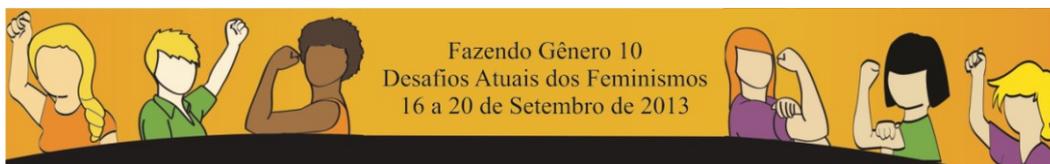
Para discorrer sobre este tema, este artigo está organizado em quatro tópicos, sendo esta *Introdução*, o primeiro. O segundo tópico trará um breve histórico da formação da comunidade virtual analisada, a AVEN, assim como o conhecimento sobre assexualidade sistematizado e divulgado pela comunidade em seu sítio virtual. O terceiro tópico tratará dos rumos da pesquisa científica sobre a assexualidade – sobretudo nos Estados Unidos, Canadá e Europa. Por último, serão apresentadas as considerações finais sobre os temas discutidos.

As reflexões trazidas por este artigo fazem parte da pesquisa de doutorado em andamento, que buscará contribuir para a compreensão da construção das orientações sexuais e identidades de gênero de indivíduos autoidentificados como assexuais, membros de comunidades de assexuais no Brasil.

A AVEN e os princípios da assexualidade

A AVEN – Asexual Visibility and Education Network foi fundada em 2001 pelo jovem norte-americano David Jay, o qual relata que, desde sua adolescência nos anos 1990, sentia-se diferente de seus pares, não compartilhando suas expectativas em relação à atividade sexual e aos relacionamentos amorosos. A partir da percepção de sua falta de interesse por sexo e da falta de interlocutores sobre o assunto, decidiu, iniciar um fórum virtual de discussão sobre a falta de desejo sexual, buscando, desta forma, agregar outras pessoas que se sentissem como ele. Para sua surpresa, descobriu que eram muitas as pessoas que não se identificavam com os modelos de sexualidade existentes na sociedade. E, assim, nasceu a AVEN, que viria a se tornar, nos anos seguintes, a maior e mais importante comunidade de assexuais do mundo.

A AVEN foi criada numa época em que não havia praticamente nenhuma informação sobre assexualidade à disposição das pessoas assexuais. Começou como um território de discussão e evoluiu para um espaço de construção de conhecimento. A partir do compartilhamento e sistematização de experiências e vivências assexuais dos membros, o conhecimento construído é



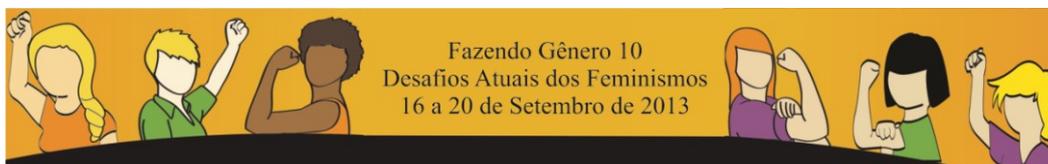
disponibilizado, modelando, de certa forma, a representação que os/as assexuais membros da comunidade têm de si mesmos/as e da assexualidade. A AVEN afirma ter como objetivos a promoção da discussão pública sobre a assexualidade, bem como da aceitação social da assexualidade como orientação sexual.

A AVEN tornou-se rapidamente, desde sua fundação, a maior comunidade de assexuais do mundo, contando com cerca de 30.000 membros nos Estados Unidos e em dezenas de outros países (CERANKOWSKI & MILKS, 2010). A comunidade possui páginas virtuais em onze idiomas - além da original em inglês -, constituindo-se como a mais importante fonte de informações sobre assexualidade para assexuais, seus/uas amigos/as e famílias, pesquisadores/as e a mídia. A comunidade oferece aos membros uma ampla gama de recursos, tais como boletins, sala de bate-papo, além de um fórum de discussão.

Como polo de produção de conhecimento empírico sobre a assexualidade, a AVEN faz levantamentos, promove debates entre seus membros, sistematiza e disponibiliza os resultados em seu sítio. Outro importante mérito da AVEN foi ter impulsionado a pesquisa acadêmica sobre a assexualidade, até então, escassa e esparsa. Quase a totalidade das pesquisas sobre assexualidade, como veremos mais adiante, parte do conhecimento já sistematizado pela AVEN e avança teoricamente na análise das questões propostas por esta nova perspectiva da falta de desejo sexual.

Já na primeira página do sítio da AVEN, o/a visitante é brindado com a definição de *assexual* como “pessoa que não sente atração sexual”. Os conhecimentos gerais sobre assexualidade produzidos pela AVEN encontram-se sistematizados no campo *Perguntas mais Frequentes*, incluindo questões relativas a definições, identidade, relacionamentos, entre outras. Esse campo oferece uma área específica para pais, mães e amigos/as de assexuais, em busca de conhecimentos para compreender seus filhos/as, amigos/as e parceiros/as românticos/as. Ao longo de todo o sítio é possível obter informações e relacionar um conjunto dos postulados principais sobre a assexualidade, na perspectiva da comunidade.

Um dos primeiros princípios, constante na primeira página do sítio, é que assexualidade e celibato são conceitos diferentes. Para a AVEN e seus membros, celibato é a escolha consciente pela abstinência sexual. Na assexualidade não existe a atração sexual por outras pessoas, portanto não há repressão ao desejo. Os/as assexuais fazem questão de enfatizar que a assexualidade não é uma escolha, sendo a falta de interesse por sexo uma característica do sujeito assexual, daí o caráter reivindicado de orientação sexual semelhante à heterossexualidade, à homossexualidade ou à bissexualidade.

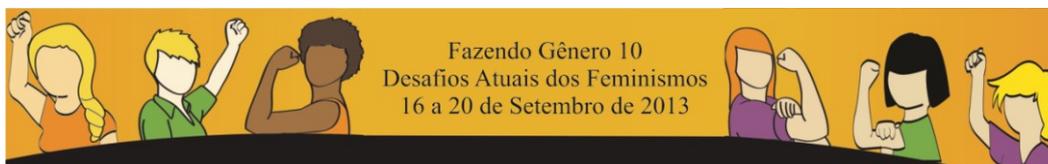


Os/as assexuais da AVEN fazem distinção muito clara entre amor e sexo. Parte dos/as assexuais sente interesse amoroso e deseja estar em relacionamentos românticos, preferencialmente sem atividade sexual; porém, também existem aqueles/as que não têm interesse nem mesmo por parcerias amorosas. A AVEN chama de *românticos/as* os assexuais que desejam um relacionamento amoroso, e de *arromânticos/as*, aqueles/as que não desejam. Outra constatação entre os membros da AVEN, é que alguns/mas assexuais românticos/as estão envolvidos/as em relacionamentos com pessoas não assexuais, surgindo a necessidade de negociação da existência ou frequência da atividade sexual, ou da formação de relacionamentos não monogâmicos.

A atração afetiva dos/as assexuais românticos/as pode ser direcionada ao mesmo sexo, a sexo diferente, a qualquer dos sexos, ou ser independente de sexo ou identidade de gênero; em relação ao alvo de interesse romântico, a AVEN classifica os assexuais como *homorromânticos/as*, *heterorromânticos/as*, *birromânticos/as* ou *panromânticos/as*, respectivamente. Foi necessária a criação de um novo vocabulário para descrever as experiências assexuais. Essas experiências parecem mostrar que existe uma orientação afetiva adicionalmente à orientação (as)sexual. Isso coloca assexuais homorromânticos/as e birromânticos/as na mesma arena de disputa por direitos do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), e também os/as transforma em alvo da mesma discriminação que esse grupo experimenta³.

A assexualidade, segundo a AVEN, não diz respeito ao comportamento do indivíduo assexual – lembrando que os/as assexuais são perfeitamente capazes de engajar-se em atividade sexual, mesmo sem atração -, mas refere-se exclusivamente à existência ou não de interesse por atividade sexual com parceiro/a. Neste sentido, a masturbação, por tratar-se de prática autoerótica, não entra em conflito com a definição de assexualidade proposta pela AVEN. Sabe-se que parte dos/as assexuais pratica a masturbação, sem que haja a necessidade ou a vontade de evoluir para a prática sexual com parceiro/a. Outros/as a praticam como alívio a uma necessidade fisiológica, sem estabelecer uma associação entre a prática da masturbação e o contexto mais amplo da sexualidade com parceiro/a.

³Além da experiência da homofobia relatada por assexuais de orientação afetiva diferente da heteronormativa nos fóruns da AVEN, mesmo os/as assexuais classificados como heterorromânticos/as relatam experiências de discriminação, pois a eles/as é atribuída socialmente uma *homossexualidade presumida*, por conta da não conformidade com os padrões heterossexuais dominantes na sociedade, sobretudo os padrões de masculinidade. Assexuais transexuais também relatam experiências de *transfobia*. Essas experiências discriminatórias têm na escola seu *locus* privilegiado. Muitos dos relatos nos fóruns de discussão da AVEN apontam a escola como a primeira instituição na qual jovens e adolescentes assexuais tomam consciência de sua diferença em relação aos pares, bem como local da ocorrência de episódios de discriminação homofóbica e transfóbica.



A definição de assexualidade proposta pela AVEN não contempla todo o espectro assexual. Existem indivíduos que se identificam como assexuais, mas são capazes de sentir atração sexual em circunstâncias muito específicas, por exemplo, os/as *demissexuais*, os/as quais experimentam atração sexual somente quando existe intenso envolvimento afetivo. Existem também os/as chamados/as *Gray-A*, indivíduos com níveis muito baixos de desejo sexual, para os/as quais a atração sexual ocorre em circunstâncias muito restritas e não totalmente claras. Devido à baixa frequência da ocorrência da atração sexual, demissexuais e *gray-As* costumam preferir identificar-se como assexuais, embora se encontrem na zona intermediária no espectro entre a sexualidade e a assexualidade.

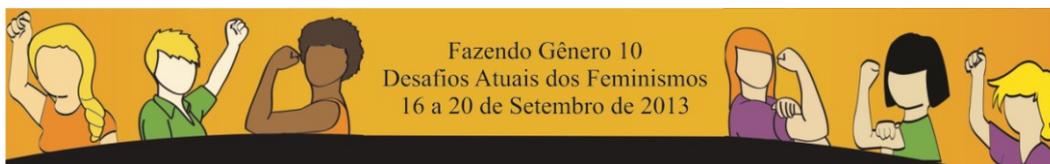
A complexidade da assexualidade mostra a necessidade da realização de estudos que abarquem essa diversidade e que possam situar a assexualidade no campo mais amplo da sexualidade. O número de pesquisas ainda é muito pequeno, mas mostram avanços, conforme mostra o tópico a seguir.

Os caminhos da pesquisa sobre assexualidade

Durante os anos de 1940 e 1950, o biólogo norte-americano Alfred Kinsey, em seus famosos e polêmicos estudos sobre as práticas sexuais da população dos Estados Unidos, apurou que aproximadamente 1% dos/as entrevistados/as não demonstrava interesse pela atividade sexual. No entanto, Kinsey, mais preocupado com os 99% que eram efetivamente ativos/as sexualmente, não explorou em profundidade essa minoria de 1%. Esta é a primeira pista que temos sobre a incidência da assexualidade entre os seres humanos. O avanço no conhecimento sobre a assexualidade só ocorreria décadas depois.

A pesquisa sobre a falta de desejo sexual fora do contexto da patologia pode ser dividida em dois momentos principais: um anterior e outro posterior à fundação da AVEN – Asexual Visibility and Education Network. Os estudos anteriores à criação da AVEN – quase todos provenientes da área de psicologia -, não utilizam a palavra *assexualidade* com o sentido que conhecemos hoje, mas reconhecem a existência de determinado percentual da população que não sente desejo sexual, sem que esta constatação seja classificada necessariamente como transtorno. Começemos pelos estudos principais desta fase.

Utilizando dados obtidos em cartas escritas por mulheres aos editoriais de revistas femininas dos anos 1970, Johnson (1977) publica o capítulo intitulado “Mulheres assexuais e autoeróticas: dois grupos invisíveis” num livro sobre sexualidade. Para a autora, mulheres assexuais são aquelas



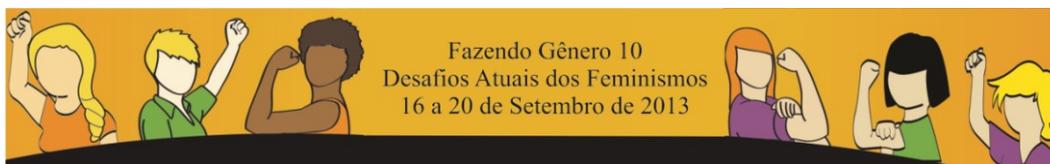
que não sentem interesse por sexo e não praticam a masturbação; aquelas que praticam a masturbação são denominadas por ela como *autoeróticas*. Este parece ser o mais antigo trabalho que se tem notícia a tratar a falta de desejo sexual fora do contexto da disfunção sexual e a empregar os termos *asexuality* e *asexual* para definir a ausência de desejo sexual e os indivíduos que se enquadram nessa condição, respectivamente.

Também nesta época, dois artigos sobre orientação do desejo sexual e identidade sexual (SHIVELY & DE CECCO, 1977; STORMS, 1980) apresentam a assexualidade como experiência de parte dos sujeitos pesquisados. Posteriormente, Nurius (1983) empreende um levantamento que visa quantificar e caracterizar jovens universitários/as em relação à orientação do desejo sexual, concluindo que certa parte dos indivíduos pesquisados revelou baixos níveis de atividade sexual e desejo sexual por qualquer dos sexos.

Em 1990, Berkey, Perelman-Hall & Kurdek publicam um artigo propondo uma escala multidimensional da sexualidade, incluindo a assexualidade como uma das orientações sexuais possíveis. Alguns anos depois, Rothblum & Brehony (1993) publicam um livro de ensaios teóricos e histórias pessoais tendo como foco relações afetivas e estáveis entre mulheres lésbicas, que excluem o sexo de suas práticas, levando ao questionamento do postulado de que a atividade sexual teria necessariamente lugar privilegiado e indispensável na formação e manutenção de relacionamentos íntimos e duradouros. Estes foram os principais trabalhos que lançaram as bases para o estudo da assexualidade no primeiro momento.

A criação da AVEN em 2001 - bem como seu posterior crescimento e visibilidade na mídia -, impulsionaram a pesquisa científica sobre a assexualidade, inclusive atraindo a atenção de pesquisadores/as de outras áreas do conhecimento, além da psicologia e da medicina. Vejamos algumas dessas pesquisas.

O psicólogo social Bogaert (2004) estudou dados demográficos pré-existentes numa amostra probabilística feita com 18.000 cidadãos/ãs britânicos/as para observar a incidência da assexualidade, apurando um percentual de 1,05% da amostra para indivíduos que responderam afirmativamente à alternativa “Eu nunca senti atração sexual por ninguém”. Dois anos depois, Bogaert (2006) volta a escrever sobre a assexualidade, contemplando questões à época levantadas pela mídia e pelo discurso popular sobre o assunto. Nesse artigo, o autor discute a assexualidade como orientação sexual, destacando as semelhanças e diferenças entre assexualidade e distúrbios sexuais como o Desejo Sexual Hipoativo e a aversão sexual.



Em 2007 as psicólogas Prause & Graham publicam um artigo baseado em um estudo exploratório empírico realizado com sujeitos que se autoidentificam como assexuais, membros da AVEN. Uma das conclusões da pesquisa é que o baixo nível de desejo sexual constitui a base da identidade assexual. No ano seguinte, a socióloga Scherrer (2008) publica os resultados de sua pesquisa cujo objetivo foi explorar as experiências de indivíduos autoidentificados como assexuais a partir de um levantamento com 102 membros da AVEN. O foco da pesquisa foi buscar possíveis intersecções entre a identidade assexual e a identidade de outras minorias sexuais.

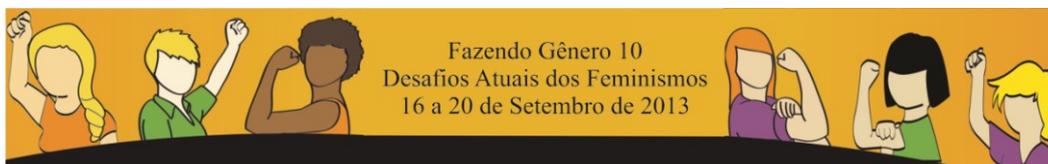
Adicionalmente, surgem também alguns trabalhos provenientes das áreas de ciências sociais (BEDLEY, 2009; SCHERRER, 2010; MUNÁRRIZ, 2010; CARRIGAN, 2011), os quais tratam, entre outras abordagens, do caráter identitário proposto pela assexualidade e também das experiências dos/as assexuais vivendo numa sociedade sexualizada. A área interdisciplinar dos estudos feministas também tem contribuído com estudos que apresentam reflexões sobre aspectos políticos que associam a assexualidade às relações de gênero e poder (PRZYBYLO, 2011; KIM, 2011; FAHS, 2010).

Muitas das pesquisas sobre assexualidade feitas nos Estados Unidos, Canadá e Europa - sobretudo as de caráter qualitativo -, contam com a colaboração de membros da AVEN, que têm concedido entrevistas e respondido a questionários de pesquisadores/as de diversos países.

Vimos, portanto, que a produção acadêmico-científica sobre assexualidade ainda é incipiente, mas vem crescendo de forma significativa nos últimos anos. Os resultados dos estudos ainda são muito frágeis, considerando a grande diversidade que compõe a comunidade assexual e a necessidade de criação de novos paradigmas e reorganização de conhecimentos prévios sobre sexualidade. A assexualidade coloca desafios aos postulados históricos construídos sobre a sexualidade humana, os quais deverão ser revistos e reelaborados à luz desse novo conceito.

Considerações finais

As considerações preliminares sobre assexualidade apresentadas neste artigo – fundamentadas na perspectiva da AVEN – Asexual Visibility and Education Network –, mostram o baixo grau de visibilidade no qual vivem os indivíduos que não têm interesse na prática do sexo, assim como seus esforços no sentido de construir uma identidade sexual que seja legitimada, reconhecida e aceita pela sociedade. Os estudos sobre assexualidade retratam parte desse esforço e buscam avançar para uma compreensão multidisciplinar do fenômeno.



Assim como outras orientações sexuais, a assexualidade – ou a falta de desejo sexual não patológica -, sempre existiu, mas diferentemente da homossexualidade, por exemplo, nunca foi ilegal, imoral ou controversa. Até o advento da internet, os indivíduos assexuais relatam ter vivido em seu isolamento demográfico, desconhecendo a existência de outras pessoas que, como eles/as, travavam uma luta consigo mesmos/as e com a sociedade por serem diferentes da maioria. A partir do início do século XXI, a popularidade das redes sociais na internet facilitou a formação de comunidades construídas em torno de identidades assexuais.

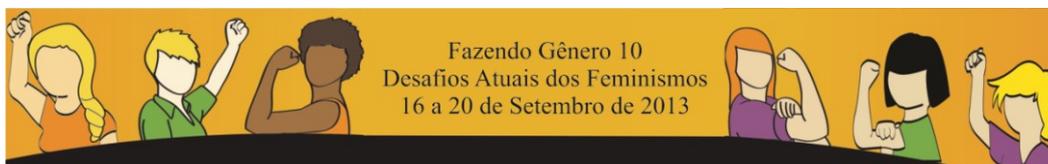
A AVEN apresenta uma concepção de assexualidade que é aceita por seus membros, ainda que não contemple todas as assexualidades. A comunidade permanece como a maior referência em assexualidade para pesquisadores/as do mundo todo, embora o conhecimento produzido seja principalmente de caráter empírico, construído a partir das trocas de experiências entre os membros. Essas trocas mostram as complexidades específicas da assexualidade que são novas quando comparadas às experiências relatadas por outras minorias sexuais.

As pesquisas sobre a assexualidade estão crescendo em número nos últimos anos, mas ainda são tímidas, com resultados ainda muito frágeis, passíveis de reelaboração no futuro próximo. Enquanto no início as pesquisas tinham origem majoritariamente na medicina e na psicologia, outras áreas do conhecimento – como a sociologia, os estudos feministas, a linguística -, têm juntado forças na produção de trabalhos que têm contribuído para iluminar nossa compreensão sobre este tema.

Neste sentido, espera-se que as reflexões aqui propostas possam contribuir para a compreensão da realidade dos/as assexuais brasileiros, os quais começam a dar os primeiros passos na direção apontada pelos/as norte-americanos, ou seja, a de formação de comunidades fundamentadas em sua identidade sexual. O desafio de compreender os impasses para a construção das orientações sexuais e das identidades de gênero no contexto da assexualidade mostra-se imperativo para a inclusão dos/as assexuais no espectro da diversidade sexual. Esse movimento de “saída do armário” dos/as assexuais de todo o mundo pode ser sintoma de uma saturação dos modelos de sexualidade da contemporaneidade, bem como indicativo da necessidade de mudança de paradigma na compreensão da sexualidade como um todo.

Referências bibliográficas

BEDLEY, Crystal. (A)Sexuality: challenging what it means to be sexual. Trabalho apresentado na reunião anual da American Sociological Association, Hilton, San Francisco, CA, Aug/08/2009.



Disponível em: http://www.allacademic.com/meta/p309698_index.html. Acesso em: 12 de agosto de 2011

BERKEY, B. R.; PERELMAN-HALL, T.; KURDEK, L. A. The multidimensional scale of sexuality. **Journal of Homosexuality**, vol. 19 (4), p. 67-87, 1990

BOGAERT, Anthony F. Asexuality: prevalence and associated factors in a national probability sample. **The Journal of Sex Research**, volume 41, number 3, p. 279-287, 2004

_____. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, Vol. 10, No. 3, p. 241-250, 2006

CARRIGAN, M. There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. **Sexualities**, 4(4), p. 426-478, 2011

CERANKOWSKI, K. J.; MILKS, M. New orientations: asexuality and its implications for theory and practice. **Feminist Studies**, No. 36, p. 650-664, Fall 2010

FAHS, Breanne. Radical refusals: on the anarchist politics of women choosing asexuality. **Sexualities**, 13(4), p. 445-46, 2010

JOHNSON, Myra T. Asexual and Autoerotic Women: two Invisible Groups. In: Gochros, H.L.; J.S. Gochros (org.). **The Sexually Oppressed**. New York: Associated Press, 1977

KIM, E. Asexuality in disability narratives. **Sexualities**, 4(4), p. 479-493, 2011

KINSEY, Alfred C. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948

_____. **Sexual Behavior in the Human Female**. Philadelphia: W.B. Saunders, 1953

MUNÁRRIZ, Luis Álvares. La identidad asexual. **Gazeta de Antropologia** no. 26/2, 2010, Artículo 40. Disponível em <HTTP://hdl.handle.net/10481/6777>. Acesso em: 13 de agosto de 2011

NURIUS. P. S. Mental Health implications of sexual orientation. **The Journal of Sex Research**, Vol 19, No. 2, p. 119-136, 1983

PRAUSE, N.; GRAHAM, C. A. Asexuality: classification and characterization. **Arch Sex Behav**, Nr. 36, p. 341-35, 2007

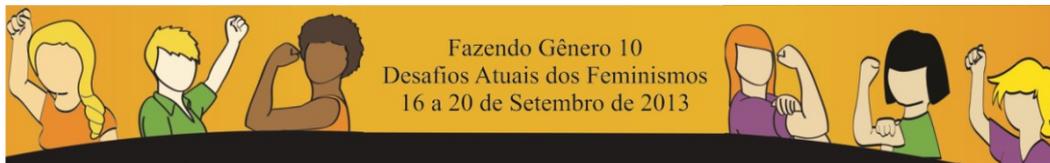
PRZYBYLO, Ela. Crisis and safety: the asexual in sexusociety. **Sexualities**, 14(4) p. 444-461, 2011

ROTHBLUM, E. D.; BREHONY, K. A. **Boston Marriages – Romantic but asexual relationships among contemporary lesbians**. Amherst: The University of Massachussets Press, 1993.

SCHERRER, K. S. Coming to an asexual identity: negotiating identity, negotiating desire. **Sexualities**, Vol 11(5), p. 621–641, 2008

_____. (2010) What asexuality contributes to the same-sex marriage discussion? **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, Volume 22, Issue 1 & 2, p. 56–73, 2010

SHIVELY, M. G.; DE CECCO, J. P. Components of sexual identity. **Journal of Homosexuality**, Vol. 3 (1), p. 41-48, 1977



STORMS, M. D. Theories of Sexual Orientation. **Journal of Personality and Social Psychology**, Vol. 38, No. 5, p. 783-792, 1980

Sítios da internet consultados

AVEN – Asexual Visibility and Education network: www.asexuality.org

Asexual Explorations: www.asexualexplorations.net/

Coming out of the closet: asexuality according to AVEN – Asexual visibility and Education Network

Abstract: The lack of sexual desire has traditionally been treated by science as a psychological or physiological disorder, partially due to the historical assumption that sexual desire is universal. Recently, however, a new redefinition of the lack of sexual desire has been gaining visibility. Instead of disorder, people who identify as asexual have been claiming the status of sexual orientation for their lack of interest for sex. This article discusses the emergence of the concept of asexuality in online asexual communities in the United States, focusing on AVEN - Asexual Visibility and Education Network – the largest online asexual community in the U.S. The paper presents preliminary results of an ongoing doctorate research whose goal is to understand the challenges of the construction of sexual orientation and gender identities of individuals who identify as asexual in Brazil. The research gives emphasis to the school environment as an important agent of socialization of different sexualities, considering that –despite the fact that asexuality is unknown in education –, asexual individuals report experiencing homophobic discrimination in school.

Keywords: asexuality; sexuality; gender; sexual orientation; sexual diversity.